

DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL: ENTREVISTA COM O PROFESSOR DR. HARALD THUN

PLURIDIMENSIONAL AND RELATIONAL DIALECTOLOGY:
INTERVIEW WITH PROFESSOR DR. HARALD THUN

Marcelo Jacó Krug | [Lattes](#) | marcelokrug.mk@gmail.com
Universidade Federal da Fronteira Sul

Cristiane Horst | [Lattes](#) | cristanehorst1979@gmail.com
Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo: Nosso objetivo com a presente entrevista com o professor Dr. Harald Thun foi trazer de forma interativa os principais conceitos da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional por ele criada. Nosso propósito, com a entrevista, foi conversar sobre temas que não aparecem ou aparecem de forma muito resumida nos artigos e textos escritos pelo professor, assim como, por exemplo, a relação da dialetologia pluridimensional e relacional com a sociolinguística tradicional e com a dialetologia tradicional, a cartografia monodimensional e os ‘tipos’ de mapas e o sistema em cruz por ele desenvolvidos.

Palavras-chave: Dialetologia pluridimensional e relacional; Sistema em cruz; Cartografia linguística.

Abstract: Our objective with this interview with Professor Dr. Harald Thun was to bring interactively the main concepts of the theory and methodology of pluridimensional and relational dialectology created by him. Our purpose, with the interview, was to talk about topics that do not appear or appear in a very summarized way in the articles and texts written by the professor, as well as, for example, the relationship of pluridimensional and relational dialectology with traditional sociolinguistics and traditional dialectology. , the one-dimensional cartography and the ‘types’ of maps and the cross system developed by him.

Keyword: Pluridimensional and relational dialectology; Cross system; Linguistic cartography.

Introdução

Na presente entrevista com o professor Dr. Harald Thun, da Universidade de Kiel, na Alemanha, realizada durante uma saída de pesquisa de campo ao Paraguai, procuramos entender melhor o funcionamento da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional, a partir do comentário do próprio teórico e criador da teoria e metodologia. Na oportunidade, pensamos em, primeiramente, trazer uma explicação da dialetologia pluridimensional e relacional, de questões que, até então, não haviam sido escritas e esclarecidas em seus artigos. O que nos levou a realizar esta entrevista com o prof. Dr. Thun foi o fato do pouco conhecimento da teoria e metodologia por ele proposta entre os pesquisadores brasileiros. Além disso, poucas publicações foram feitas em língua portuguesa, sendo a maior parte em língua inglesa, língua alemã ou em língua espanhola, sem contar a dificuldade de acesso a esses materiais impressos aqui no Brasil. Procuramos dar ênfase às seguintes questões: no que consiste a dialetologia pluridimensional e relacional; o contraste entre a teoria laboviana e a dialetologia pluridimensional; a cartografia linguística, o sistema em cruz e como se originou a teoria; a metáfora dos cavalos; os métodos de escolha do dado a ser cartografado; a crítica da sociolinguística tradicional versus a dialetologia pluridimensional e relacional; e, por fim, os agradecimentos.

Entrevistadores: No que consiste a dialetologia pluridimensional e relacional?

Prof. Dr. Thun: Consiste em dominar essa grande quantidade de dados, que são produto de nossa metodologia. Vejam só, contrariamente à metodologia monodimensional que tem um informante só por lugar, nós temos normalmente oito, isto quer dizer, informantes de quatro grupos que se dividem por idade e por categoria sociocultural, e em cada grupo estão duas pessoas, normalmente homem e mulher. Então, em consequência, temos de quatro até oito vezes mais informações. Por exemplo, é possível que em cada um dos grupos os informantes digam coisas diferentes, nesse sentido teremos oito vezes o mesmo fenômeno em variação. Esse torna-se um grande desafio para a cartografia, pois, teoricamente, teríamos que inscrever em cada ponto oito resultados e, se for feito de maneira mecânica, pode ser motivo de grande confusão. Por isso, a solução é, por um lado, uma simplificação, assim temos mapas que só dão uma primeira aproximação do fenômeno, reduzindo, mas só no início, essa parte da variação entre quatro a oito pessoas e utilizamos somente um símbolo, são os mapas que chamamos de fenotípicos. Por exemplo, se queremos saber se existe em um dado lugar a palatalização do português brasileiro, isto é, a realização de palavras como $d/ʒ/ia$ e $t/ʃ/ia$. Então, nessa primeira aproximação

ao fenômeno, simbolizamos no primeiro mapa só a existência ou a inexistência do fenômeno. Mas isso é só o começo. O princípio é separar em passos sucessivos a informação coletada, resultando em um tipo de cartografia que pode ser chamada de “Série”. Assim, para um mesmo fenômeno complexo, fazemos vários mapas que se seguem logicamente. Primeiro uma aproximação, depois entramos em todos os detalhes e, ao final, uma síntese. Um exemplo poderia ser uma síntese sobre o avanço de determinado fenômeno, por exemplo, o caso da palatalização realizada por um grupo determinado, vamos dizer, mulheres jovens, que realizam uma porcentagem avançada do fenômeno, enquanto que os homens veteranos da classe socioculturalmente baixa realizam a forma tradicional. Dessa forma, as mulheres jovens da classe culta, vamos dizer, realizam praticamente todas *bom d/ʒ/ia, t/ʃ/ia*, enquanto que os homens velhos mantêm *bom dia, tia*, sem a palatalização. Então isso poderia ser como uma síntese ao final.

Entrevistadores: Como e onde entra a teoria laboviana na dialetologia pluridimensional e relacional?

Thun: Combinamos a dialetologia tradicional com a sociolinguística e, sobretudo, com a sociolinguística de Labov. Um dos aspectos mais importantes para nós é o contraste entre as gerações. Como diz Labov na sua *apparent time*, é uma possibilidade de tornar visível o tempo num momento concreto da pesquisa, entrevistando pelo menos duas gerações. Como exemplo, podemos citar o léxico de “caçula”. Vemos que, no lado uruguaio, as pessoas velhas da classe baixa ou não conhecem a palavra ou só conhecem passivamente, mas os da mesma categoria sociocultural, jovens da classe baixa, já conhecem em parte, usam ativamente, outros conhecem passivamente, sabem que existe a palavra, sabem o que significa, mas ainda não usam. No momento que contrastamos os resultados, podemos dizer que essa é a imagem típica de uma mudança linguística, uma mudança da categoria da inovação. Uma palavra, um elemento linguístico novo está entrando em uso na língua. Também o contrário pode ser encontrado. Por exemplo, se os jovens não conhecem a forma, ou só a conhecem passivamente e os anciãos a usam ou pelo menos a conhecem passivamente, eu diria que essa é a imagem típica de uma mudança linguística da categoria da perda progressiva de um elemento.

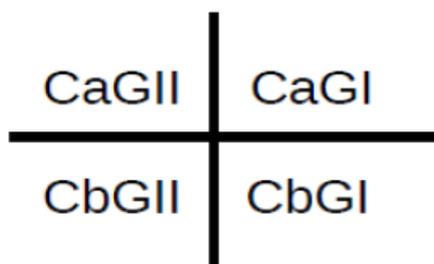
Entrevistadores: Dentro da cartografia linguística, o que é e como funciona o modelo em cruz?

Thun: O modelo em cruz, que já tem um certo êxito até na geolinguística brasileira, pode ser visto no atlas linguístico de Minas Gerais, em um atlas de uma região do Mato Grosso

do Sul, como também no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mas adaptado. Isso, para a minha grande satisfação, diz que é útil e é isso que importa.

A necessidade é a seguinte: uma possibilidade simples e ainda legível de integrar mais de uma informação em um mapa só. Essa cruz para nós une e ao mesmo tempo divide os quatro grupos mais importantes. Grupos que chamamos de grupos *standard*, que são os grupos socioculturalmente altos e os grupos socioculturalmente baixos. Divisão entre os dois grupos, vamos dizer que a linha horizontal da cruz divide os grupos em socioculturalmente alto no compartimento acima da linha horizontal e socioculturalmente baixo, abaixo dessa linha.

A linha vertical separa as gerações, assim no compartimento da esquerda está o grupo da geração mais velha e na parte da direita estão os jovens.



Fonte: Thun (2010, p. 509).

Com isso podemos integrar quatro mapas em um só, ou seja, com essa metodologia podemos fazer uma síntese de 4 grupos em um mapa só, sem sobrecarregar a informação. Além disso, é uma possibilidade de dar uma impressão da situação linguística em um determinado lugar, por exemplo, se em uma cruz em um dado lugar todos os grupos apresentam o mesmo resultado, se encontram representados com o mesmo símbolo, isso significa unidade. Unidade linguística dessa comunidade, nesse mesmo lugar, ou se os dados apontam o mesmo resultado tanto nas duas gerações velhas, quanto nas gerações novas, mas diferentes da CaGII, isso nos indica o rumo da mudança linguística no lugar. O sistema da cruz exige uma limitação extrema na seleção dos símbolos. A primeira limitação é sempre um símbolo só em cada compartimento da cruz e não dois ou mais para não aumentar a dificuldade na interpretação das informações, pois a visão humana é uma visão tridimensional e tudo o que passa disso, nosso cérebro não registra. Por isso, é importante não colocar mais de um símbolo em cada célula do sistema da cruz.

mapas simples, claros, bem legíveis. Essa metodologia é resultado de muitas discussões com colegas que fazem outros atlas linguísticos, do estudo da evolução da cartografia em geral e de experimentos concretos. O que vem do Coseriu é essa ideia da existência de todo um complexo de variação e de uma sistematização da variação, mas ele não se ocupou de problemas práticos de cartografia. Voltando à pergunta, iniciamos em Mainz e aplicamos nas pesquisas no ADDU, no Uruguai. Nosso sistema nessa trilogia Brasil, Argentina e Paraguai, o que queremos é dar prioridade à formação de grupos de estudo e trabalho pensando sempre em parcerias. Sempre que possível, priorizamos a participação dos informantes que moram na zona estudada como forma de incentivo. Por isso, temos vocês, Cristiane, Marcelo e o Cléo Altenhofen aqui, porque se trata de analisar a língua de um grupo de falantes bilíngues de português e de um dialeto alemão. No caso do Uruguai, trabalhamos com o Adolfo Eliziancin, que conheço bem. No caso do ALGR, trabalhamos com o Almídio Arquino, de Assunção, e da parte alemã temos pelo menos uma pessoa, que sou eu. Iniciamos a aplicação com o Uruguai no ano de 1989. A fase de coleta no Uruguai foi curta, somente três anos, isso graças a um generoso financiamento da *Deutsche Forschungsgemeinschaft*. Nos outros casos, como no ALGR e ALMA – H, a coleta foi condicionada ao nosso tempo disponível, nas férias, e as condições de financiamento foram um pouco diferentes. Sempre favoráveis, mas não tão massivas como no primeiro projeto.

Entrevistadores: O senhor poderia explicar a metáfora dos cavalos utilizada na cartografia linguística pluridimensional?

Thun: Essa metáfora dos cavalos, da cronofotografia, é utilizada para explicar a evolução da cartografia. Quando se publicou o primeiro atlas linguístico nacional, que foi na França, o autor, um tal Jules Gilliéron, e seus colaboradores, falavam em terminologia que tinha a ver com a fotografia dessa época. Então temos que saber que nos anos 80 do século XIX foram inventados nos EUA todos os elementos para a fotografia moderna. A fotografia é mais velha, tem a sua origem na França com Daguerre e outros mais, mas um tal George Eastman inventou a câmera instantânea e o rolo também, ao invés dessas placas em vidro que se usavam antes, isso possibilitou a fotografia rápida. Então o Jules Gilliéron fala em foto instantânea e diz metaforicamente que um atlas linguístico deve ser uma foto instantânea de um momento da história de uma língua, sem pose. Essa era a condição anterior da fotografia que tinha condições materiais que exigiam uma imobilidade das pessoas ou dos objetos que o fotógrafo queria fazer entrar em sua câmera. Nós sabíamos todos que isso é característica das fotos antigas, as pessoas sempre posando imóveis. Então isso mudou com essa câmera de Eastman, que é o fundador da empresa Kodak, que existe até hoje. Era então a fotografia instantânea. Mas simultaneamente à

publicação do Atlas da França, se observa um progresso enorme na fotografia e é a que se chama cronofotografia, que primeiro foi usada por ingleses, franceses e austríacos. Por exemplo, o austríaco Ernst Mach, físico, utilizou essas novas possibilidades da foto instantânea para estudar movimentos de objetos no espaço e no tempo, em uma área da física que se chama balística, que estuda o caminho que percorre um projétil. Então, foi fotografado com uma técnica que é um alinhamento de aparelhos fotográficos, que, sucessivamente, com diferença mínima de tempo, fizeram fotos de um objeto em movimento. Isto se chama cronografia. O inglês Muybridge, que trabalhou com os cavalos, queria estudar e representar as fases do movimento do cavalo nos distintos momentos de seu passo, por exemplo, do passo até o galope. Com essa técnica, uniam as fotos sucessivas em uma única foto, assim vemos em uma foto só um movimento sucessivo do cavalo. Isso é esteticamente interessante, mas difícil para a percepção humana. É como ter dez ou mais fotos em uma só. Outros separaram as fotos, assim que fizeram dez fotos de um cavalo em movimento, e isso era o que se chamava, na época, cronofotografia. Fotografia sucessiva num tempo determinado. E é a base do filme moderno, porque materialmente um filme não é outra coisa além de uma sucessão de fotos e a sucessão deve corresponder às possibilidades de percepção do olho humano. Se as fotos são poucas demais, o espectador tem a impressão de uma sucessão sacudida, não elegante, assim, conforme as possibilidades perceptuais do homem, o filme tem que compreender o mínimo de fotos e não exceder a um certo máximo. Então nós utilizamos essas técnicas de cronofotografia, mapas que correspondem a fotos instantâneas, mas que estão vinculadas tematicamente na série, por exemplo, analisamos a palatalização, primeiro em uma perspectiva geral, como uma situação X em uma localidade dada, se existe ou não existe. Se existe, damos sequência com a pesquisa observando como falam os velhos, outra foto, como falam os jovens, como falam os homens, como falam as mulheres, depois como pronunciam em atos linguísticos muito controlados, por exemplo, na leitura de um texto, como pronunciam em atos linguísticos menos controlados, por exemplo, respondendo a perguntas. Como atuam linguisticamente em uma atividade de controle mínimo, na conversa livre, ou, por exemplo, o que as pessoas que dizem na leitura de um texto, se dizem “eu vou cantar”, depois na conversa dizem eu vou “cantá”, então em uma atuação linguística menos controlada pode surgir uma forma mais espontânea, assim isso também dá a possibilidade de separar em fotos instantâneas sucessivas a evolução linguística.

Entrevistadores: Qual o melhor método para escolher o melhor dado, visto a grande quantidade que é coletada?

Thun: Temos para os três projetos todos os dados duas vezes digitalizados. O questionário, a forma escrita, existe fotografia digitalizada, disponível em muitas localidades implicadas nesse trabalho, por exemplo, é fácil fazer uma cópia digital. Dessa maneira, temos

todos os dados do ALMA em Porto Alegre e em Kiel. Isso se refere aos dados já escritos no momento da pesquisa. Estão também digitalizados os dados fônicos em um CD e em um HD externo. Assim, antes trabalhávamos com fitas que ocupam muito espaço. A vantagem das fitas é que são duráveis e resistentes, já os CDs e tudo o que é digitalizado é sensível, por isso fazemos muitas cópias. A vantagem é que tudo pode ser condensado em um formato bem pequeno. Na hora concreta de fazer um mapa, voltamos aos dados escritos no questionário, pois cada ponto tem seu questionário com anotações de campo e transcrições feitas *in loco*, caso existam, e também aos dados fônicos. Quanto ao melhor dado, isso depende do aspecto que nós queremos passar à cartografia. Caso nos interesse a presença ou não de uma palavra como *caçula*, é claro que as outras formas que existem, como por exemplo, “beinjamim”, mais jovem, nesse momento não interessam para essa perspectiva, porque a seleção foi feita a favor de “caçula”, assim, só para esse mapa, o melhor dado é *caçula*, *caçula-sim* ou *caçula-não*. As outras formas irão ocupar outros mapas paralelos ou serão citados em um espaço apropriado para as “outras formas” e estarão disponíveis para pesquisas.

Entrevistadores: A sociolinguística tradicional critica essa metodologia, como o senhor explica essa questão?

Thun: A crítica é legal, é necessária, o que eles têm que perguntar também é qual é nosso interesse. Então, a dialetologia pluridimensional, como a eolingüística tradicional, são ciências do espaço, então analisamos a situação linguística em um espaço bastante grande. A sociolinguística é pontual, sempre limitada a um ponto. O Labov fez estudos de somente um bairro, por exemplo, e não vai a outro bairro, muito menos vai a outra localidade. Ele, no seu atlas, no último que publicou, aplica princípios da dialetologia tradicional, então estendendo a pesquisa ao espaço. Eu digo que a dialetologia tradicional é uma má sociolinguística, porque analisa um “tipo”, um “tipo” só em uma localidade, e a sociolinguística, em todas as suas formas, é uma má dialetologia, porque não toma em consideração o espaço, a extensão. Um projeto como o VARSUL, por exemplo, que tem muita afinidade com o nosso projeto, tem uma diferença capital, assim como o NURC também, só analisam fenômenos em certos pontos isolados. Por exemplo, o NURC só analisa dados das grandes cidades no Brasil e não se preocupa com os interespaços, o que acontece entre as cidades de São Paulo e de Porto Alegre. O que nos interessa na nossa dialetologia pluridimensional é cobrir o espaço todo com as cidades, mas também com as regiões rurais que estão entre as cidades. Assim, o espaço é básico para nós. O homem vive no espaço e no tempo e necessariamente temos que nos limitar a uma seleção de critérios da sociolinguística por faltas de todo tipo: por falta de tempo, por falta de recursos financeiros e também para não aumentar de maneira exagerada os dados. Assim, não pretendemos fazer um estudo sociolinguístico exaustivo, em todos os pontos, isso não. O que queremos fazer é aumentar os dados da eolingüística tradicional no sentido

da sociolinguística, mas não fazer tudo. Nós não fazemos monografias sociolinguísticas em cada ponto, mas damos uma impressão aproximada da estruturação da sociedade no espaço. Assim, como a sociolinguística reduz o espaço a pontos, às vezes a um só ponto, ou no melhor dos casos, a uma série de pontos, mas não interrelacionados, nós reduzimos as possibilidades da sociolinguística a algumas poucas categorias, como o sexo, a idade, a formação cultural. Assim, não é completo. Um atlas linguístico é sempre uma síntese e não podemos confundir com uma monografia local. Resumindo, comparando com a dialetologia e a sociolinguística tradicional, nós apresentamos e analisamos 8 vezes mais informações por lugar. Também, se comparado com a sociolinguística tradicional, nós ocupamos todo o território.

Entrevistadores: Professor Thun, queremos agradecer pela oportunidade, pelo tempo dispendido e pelas valiosas informações repassadas.

Thun: Para encerrar, quero dizer que o que queremos fazer é uma cartografia simples não só nos produtos, mas também na produção, aproveitando as possibilidades modernas do computador, por exemplo, e da possibilidade de dividir o trabalho, assim tanto se pode trabalhar com essa metodologia simples aqui no Brasil, como na Alemanha, coordenando e dividindo o trabalho para progredir mais rapidamente. Sempre é complicado, pois os dados são muitos e o pessoal em parte tem que ser periodicamente substituído, pois os colaboradores são estudantes na graduação e na pós-graduação e uma vez terminada a carreira acadêmica deles, chegam outros que tem que ser iniciados, isso são coisas normais. Também agradeço a oportunidade.

Referências

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan. (Ed.). *Language and Space*. v. 2: Language Mapping. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011. p. 506-523. [Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science [HSK] series]. <https://doi.org/10.1515/9783110219166>.



Data de submissão: 30/07/2020

Data de aceite: 16/10/2020